



MATILDA WRIGHT

*Aposta
Indecente*

Ela ensinou-lhe que a vida não é um jogo...

tiara

Ficha Técnica

Título: Aposta Indecente
Autora: Matilda Wright
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagem de capa: GettyImages
Revisão: Cristina Pereira
ISBN: 9789722048514

Tiara

LIVROS D'HOJE

Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide - Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

Copyright © Matilda Wright, 2011

© Publicações Dom Quixote, 2011

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.livrosdhoje.leya.com

www.leya.pt

Este livro foi revisto segundo o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

CAPÍTULO 1

Havia duas coisas que Louis de Villeclair não dispensava: um bom champanhe e mulheres bonitas. Como Cléa, a pequena alsaciana, acabada de chegar a casa de Madame Martine e que lhe mostrava que sabia usar a língua não apenas para falar, quando foram interrompidos por vozes vindas do salão, no andar de baixo, e barulho de gente que corria e falava no corredor.

- Que inferno! - exclamou Louis soerguendo-se num cotovelo, o belo corpo nu iluminado pelo enorme candelabro de doze velas que ardiam ao lado da cama.

Cléa parou de lhe lambe o interior das coxas musculadas. Olhou para ele um pouco assustada:

- Será fogo? - a jovem abriu muito os seus já enormes olhos castanhos. Louis soltou uma gargalhada irónica.

- Fogo, Cléa? Diz antes o cavalo do Vertou! Não sei porque é que Martine franqueia a porta de sua casa a esses burgueses novos-ricos que não se sabem portar como cavalheiros...

A rapariga saiu da cama com um salto ágil de gazela e envolveu as suas deliciosas curvas num luxuoso roupão de seda cor de pérola bordado com exóticos pássaros azuis e laranja.

- Vou ver o que é... - disse Cléa, e deixou o quarto, fechando a porta atrás de si.

Louis deixou-se ficar estendido na cama, irritado com aquela interrupção inusitada. A culpa era, certamente, de Vertou que não sabia nem beber nem lidar com mulheres e que, a nadar em dinheiro novo, frequentava agora os

melhores bordéis de Paris. Ainda há dois dias tinha armado um enorme escândalo em casa de Colette, numa festa em que ele e os seus amigos de pândega se fizeram açoitarem com chicotes pelas raparigas. Um depravado sem maneiras! Até para se ser depravado era preciso ter educação. Essa era, pelo menos, a opinião de Louis de Villeclair, ele próprio um depravado assumido. Uma fama lendária envolvia o seu nome desde a primeira noite em que pisara o melhor e o mais exclusivo bordel de Paris.

Oh! Como as coisas tinham mudado... Ainda se lembrava daquela tépida noite de primavera de 1834 quando o pai, o velho marquês de Villeclair, o tinha trazido, pela primeira vez, a ele e a Gaston, o jovem príncipe de Montblanc, àquela casa. Ainda hoje, mais de vinte anos depois, podia sentir a maciez das alcatifas que atapetavam as salas, o cheiro suave do perfume das mulheres, o toque delicado dos seus vestidos soltos, quase transparentes, que mostravam mais do que encobriam. E lembrava-se de Martine, claro! Como poderia tê-la esquecido? O porte de rainha da bela mulata, os seus olhos verdes, amendoados, os lábios cheios, trocistas, recostada numa *chaise-longue* forrada a veludo cor de sangue, lânguida. Lembrava-se de se ter sentido minúsculo perante aquela mulher de quarenta anos que o olhava de alto a baixo e cujos olhos o atingiram como um raio. Da vergonha que sentiu de que os outros, o pai, sobretudo, pudessem perceber a sua aflição. E a mão de Martine a acariciar-lhe o rosto:

- Como é bonito... - disse ela e o seu sotaque crioulo soou como música aos ouvidos do jovem Louis. E depois, voltando-se para Gaston, passando-lhe os dedos pelos caracóis louros: - *Mon prince* !

Como tudo era calmo naquela casa, nesse ano de 1834, quando Martine lhe pegou na mão e o conduziu pela

enorme escadaria de mármore que leva ao seu quarto. Louis tinha apenas quinze anos e sentia as pernas tremerem enquanto venciam os degraus. Mas também se lembrava de que essa fora a primeira e única vez em que lhe custou subir aquelas escadas. Depois dessa noite, voltara milhares de outras. Quase sempre com Gaston, o cobiçado príncipe de Montblanc, e também com Laurent, conde de Juy, Pierre, marquês de Forchemont, e Marcel Bachelard, filho de um dos maiores banqueiros de França, burguês e judeu, é certo, mas educado pelos melhores preceptores de Paris e, por isso, um homem elegante, refinado e também ele um dos seus companheiros inseparáveis de borga desde o tempo em que todos frequentavam o mesmo colégio. Como tudo era civilizado e silencioso em casa de Martine, em 1834 e nos muitos anos que se seguiram. Aconchegou-se mais entre as cobertas fofas da cama de Cléa e ficou a pensar no calor suave de todos os corpos de mulheres que tinha amado naquela casa. Nanette, Renée, a louca Helène, insaciável, que fazia amor coberta de esmeraldas e contava que era filha ilegítima do czar Alexandre da Rússia...

- O conde de Joubert, senhor marquês... - ia começar Cléa a contar quando voltou a entrar no quarto, pálida, como se tivesse visto um fantasma.

Louis voltou-se na cama, desagradado por aquela entrada intempestiva lhe ter desviado o pensamento de Helène, *a louca*, com quem uma tarde tinha feito sexo atrás de um dos túmulos da cripta de Notre-Dame. «Não seja mau, venha ter comigo. Vou rezar para que o papá me aceite como sua filha. Quero vê-lo», tinha escrito no bilhete que lhe mandou pela criada. E ele foi, por desfastio e porque não lhe apetecia a tarde literária em casa da tia Clemence, princesa de Auvergne. Poesia chocha, chá quente, velhas a

cheirarem a violetas e raparigas desengraçadas, mortas por o caçarem como marido, apesar da má fama que o envolvia, mas deslumbradas pelo seu título de marquês de Villeclair e, também, pela sua enorme fortuna. Chatice por chatice antes as rezas de Helène, para se tornar princesa da Rússia, à literatura da tia. Por isso foi e por isso mostrou a cripta da catedral a Helène quando ela, a fazer beicinho, lho pediu:

- Imagine, há dois anos a viver em Paris e nem conheço Notre-Dame!

Helène, de repente, muito interessada nos pormenores da arquitetura mortuária francesa. A querer ver tudo e, atrás de um túmulo, com habilidades de contorcionista a tornar-lhe o sexo duro, enorme, e a debruçar-se sobre a tampa do sepulcro para ser possuída por trás. Helène aos gritos, os dedos cravados nas pregas de pedra de um manto real qualquer, descontrolada. O sacristão, velho e quase surdo, a passar por ali e a olhar espantado para a aflição daquela rapariga tão nova.

- Um antepassado - disse-lhe Villeclair. - Está muito comovida...

Helène, *a louca* !

- Vem! - disse Louis abrindo os olhos, na urgência que as recordações de Helène lhe tinham deixado no corpo.

- Monsieur, o conde de Joubert... - repetiu Cléa, e parecia uma menina, pálida, assustada, o pequeno corpo a tremer - está lá em baixo, ferido, matou um homem...

Villeclair despertou imediatamente do torpor em que a noite com Cléa e as recordações de várias outras noites, muito antes de Cléa, o tinham deixado e saltou da cama, nu. Bertrand de Joubert não era exatamente um amigo, mas era um cavalheiro, como ele, um velho conhecido, um vizinho cujo castelo no Vale do Loire ficava muito próximo

do enorme palácio que Louis tinha herdado naquela mesma região. Vestiu-se à pressa, amaldiçoando as inúmeras peças de roupa que um homem elegante era obrigado a usar, e saiu do quarto ainda a compor o cabelo seguido por Cléa, pobre Cléa, em pânico.

Louis de Villeclair foi um dos últimos clientes de Madame Martine a entrar no enorme salão onde os grandes espelhos de molduras douradas reverberavam à luz das centenas de velas que ardiam, envolvendo o ambiente num cálido odor de cera e almíscar. As paredes, ricamente forradas de damasco azul eram testemunhas mudas das muitas conversas ali mantidas ao longo dos anos. Negócios de Estado, vendas de bancos, nomeações de diplomatas, substituições de ministros, até o início da guerra na Crimeia, dizia-se, tinham sido decididas naquela sala onde Martine recebia os seus seletos clientes e onde, enquanto estes bebiam champanhe e fumavam longos charutos perfumados, as belas raparigas que trabalhavam em sua casa exibiam as suas formas esculturais dançando ou, simplesmente, conversando em pequenos grupos.

Mas não era nada disso que se passava naquela noite quando Louis desceu do quarto de Cléa e entrou no salão. Bertrand de Joubert jazia num dos canapés forrados de seda azul-celeste, e o doutor Moreau, o mais famoso dos médicos de Paris, acabava de lhe colocar uma ligadura no braço direito. Havia na sala uma agitação desusada. Os risinhos das raparigas tinham sido substituídos por sussurros. Homens circunspectos conversavam em voz baixa. E Martine, mantendo o seu porte de rainha crioula, segurava a mão de Joubert.

- Vamos, onde te meteste? Por pouco não subi para arrombar a porta do quarto de Cléa. - Pierre de

Forchemont puxava o amigo, a caminho da saída.

- O que é que aconteceu? - queria saber Villeclair.

- Conto-te quando estivermos a salvo dentro da minha carruagem. A polícia não tarda a aparecer...

- E os outros? Marcel, Laurent, Gas...

O marquês de Forchemont nem lhe deu tempo para acabar a frase:

- Estão à nossa espera no Gascogne, com ostras e champanhe. Conto-te pelo caminho.

A carruagem que já os esperava à porta atravessou a Rue Saint-Honoré e, logo depois, os cavalos trotavam ao longo da Rue de Rivoli finda a qual depositaria os passageiros junto das magníficas arcadas da Place de Vosges, onde ficava o Gascogne, restaurante frequentado pela alta sociedade parisiense e com fama de ter as melhores ostras de França. Chovia torrencialmente e as grossas gotas de chuva batiam no tejadilho da carruagem fazendo um barulho ensurdecedor, ainda piorado pelo som das ferraduras dos quatro possantes cavalos. Era impossível conversar, fazer perguntas. Por isso, Louis de Villeclair limitou-se a ouvir o que o seu amigo Pierre de Forchemont lhe contava, aos gritos e entre gargalhadas:

- Uma aposta estúpida! Entre o Joubert e o Duvernois, o velho notário da Rue des Archives... Nem percebi bem! Uma confusão qualquer aos dados que acabou numa aposta sobre qual deles era mais rápido a disparar uma pistola...

Villeclair soltou uma gargalhada:

- Dois apostadores inveterados e dois péssimos atiradores!

- Mas, pelos vistos, ambos com a mesma velocidade no gatilho - disse Forchemont. - O Joubert foi atingido num braço e a ironia é que, apesar de mau atirador, desta vez acertou no alvo. Matou o Duvernois...

- Matou? - Villeclair já não ria.

- Matou - respondeu Forchemont no momento em que a carruagem parava em frente à porta do restaurante. Saíram a correr para chegarem ao abrigo das arcadas antes que a chuva os deixasse encharcados.

- Onde foi isso?

- Marcaram encontro para esta noite, no Bois de Bologne.

- No Bois? - ainda perguntou Louis.

- No Bois, meu caro! Se é isso que queres saber, trouxeram o Joubert para casa da Martine porque calcularam que o bom do Moreau lá estaria. Às três da manhã era a melhor maneira de lhe arranjam rapidamente um médico. - Pierre ainda disse, cínico, antes de empurrar a porta de madeira e vidro: - Uma ideia disparatada! Estragar assim a noite a um cristão... Acabaram-nos com a pândega! O Joubert é primo de um ministro do Império e na Martine ninguém toca, que Napoleão III não deixa. Por alguma razão ela lhe fornece as melhores raparigas de Paris e arranja os disfarces para que Sua Excelência se possa encontrar com elas. Mas, enfim, connosco é diferente, ninguém nos ia safar de ficar ali até de manhã, à disposição de um cabo de esquadra qualquer, a querer fazer perguntas a torto e a direito...

Villeclair sorriu discretamente e entrou no Gascogne atrás de Pierre.

O jovem marquês ainda sorria quando se juntou aos três outros amigos que, num gabinete privado, já bebiam champanhe enquanto esperavam as famosas ostras.

Laurent contava aos outros as maravilhas de Andreja, a polaca loura com quem tinha estado nessa noite em casa de Martine. Mas interrompeu-se quando viu Louis entrar:

- Morre um homem, estragam-me a noite com Mademoiselle Andreja e tu, meu velho, entras aqui com essa cara de felicidade?... Há que experimentar os dotes dessa Cléa se ela te deixa assim!

- Enganas-te, meu caro. Por uma vez, a minha felicidade nada tem a ver com mulheres e nem sequer com champanhe. Simplesmente, esta noite, fiquei um pouco mais rico...

- Ah, não! Louis, não vais aproveitar esta ocasião, já de si um pouco fúnebre, para nos anunciares que a tua tia Clemence, finalmente, te convenceu a casares com uma das enfadonhas herdeiras ricas que frequentam os seus chás literários...

- Não, nada disso, meu querido Laurent! Quantas vezes vos disse que não fui talhado para o casamento? Sou um pássaro que precisa de liberdade...

- E então? - perguntou o príncipe de Montblanc - vais contar-nos a origem desse dinheiro que fará com que a tua escandalosamente enorme fortuna se torne ainda um pouco mais escandalosamente enorme?

Louis de Villeclair esfregou as mãos saboreando a curiosidade dos amigos. Acendeu um charuto e ficou a ver as ondas de fumo desfazerem-se no ar. Um criado bateu à porta e pediu licença para entrar. Trazia uma travessa onde brilhavam deliciosas ostras que inundaram a sala com o seu cheiro de mar.

- Alphonse, mais champanhe! Muito gelado! - pediu Louis. Sentaram-se na mesa requintadamente coberta por uma toalha de linho branco, com finos bordados e prepararam-se para provar aquela ceia servida em caríssimos pratos de porcelana e talheres de prata. Antoine Gascogne sabia como agradar aos seus melhores e mais exclusivos clientes.

- Se não vais casar com uma herdeira rica, conta-nos como ficaste ainda mais rico - pediu, curioso, Gaston de Montblanc.

- Muito fácil, meus amigos! Que outra maneira existe de um cavalheiro aumentar, do dia para a noite, a sua fortuna? Ganhei uma aposta!

- Que aposta, Louis? Tu próprio nos contaste que estiveste em casa, a ler, durante todo o dia. Depois, jantaste connosco em casa do Bachelard e fomos juntos para a Martine... - lembrou Laurent. - A menos que, agora, faças apostas com o teu mordomo ou com o teu cocheiro...

- E, por acaso, eu disse que tinha feito a aposta hoje? Contei-vos, apenas, que a tinha ganho hoje. Aliás, para ser exatamente preciso, ganhei-a há menos de uma hora. Mas é uma aposta antiga. - Louis riu-se. - Enfim, não muito antiga... tem duas semanas ou coisa parecida.

O marquês de Villeclair serviu-se de ostras e mostrou-se deliciado com o manjar que os amigos tinham escolhido para a ceia. Mas, à volta da mesa, mais ninguém comia e todos estavam suspensos do que Louis tinha para lhes contar. E como este parecia mais interessado nos mariscos do que em satisfazer a curiosidade deles, Marcel, o banqueiro, não se conteve:

- Então, vais ou não dizer-nos que aposta foi essa?

- Devias, antes, perguntar-me a quem ganhei a aposta Bachelard...

- A quem? - perguntaram Pierre e Laurent em coro.

Louis deu uma enorme gargalhada antes de responder:

- Ao morto!

- Como foi isso? - quis saber Gaston.

- Eu vos conto... - decidiu-se a dizer, finalmente. E contou aos amigos que, há duas semanas, depois de ter estado com eles no baile da condessa de Balac, e quando já ia na sua

carruagem a caminho de casa, não tendo sono, decidiu dar ordem ao cocheiro para parar a meio dos Campos Elísios. De repente, tinha-lhe apetecido tentar a sorte na roleta, depois de uma noite com muita sorte com Madame Bousquet, a bela ruiva casada com um dos maiores proprietários de Paris. Por isso, mandou o cocheiro parar e entrou no Casino Étoile.

- Estava um pouco bêbedo... - confessou Louis de Villeclair, como a preparar os amigos para o que se seguiria.

Tendo provado a si próprio que essa era, de facto, uma noite de sorte excepcional e guardando já os 300 francos que acabava de ganhar numa única jogada, foi parado por uma mão que lhe travou o braço. Era Duvernois!

- Meu jovem marquês! Reparei que ainda agora entrou e já o vejo sair. Uma noite má?

- Não, muito pelo contrário! Vim provar a mim mesmo que estou invencível... - respondeu com uma gargalhada. Os olhos do velho notário brilharam ao ouvi-lo dizer tal coisa e ali mesmo o desafiou para uma aposta absurda com o argumento de que não havia homens invencíveis, nem sequer por uma única noite. Villeclair que escolhesse um número, sem fichas na mesa. Ele, Duvernois, escolheria outro. Se nenhum deles acertasse a coisa ficaria por aí mesmo, aprendendo Villeclair que Duvernois tinha razão quanto à impossibilidade de se ser absolutamente invencível. Se algum deles acertasse, receberia do outro dois mil milhões de francos...

- Dois mil milhões! - exclamou Marcel de Bachelard em tom chocado com a exorbitância do montante da aposta.

- Trinta e três vermelho! - disse Villeclair e ainda acrescentou: - Contra todos os outros números, Duvernois. Hoje estou especialmente generoso.

Os quatro rapazes soltaram exclamações de horror. E Gaston não se conteve:

- Um pouco bêbedo, Louis? Estavas completamente embriagado...

Villeclair não lhe respondeu e continuou a contar aos amigos que esse número lhe veio à cabeça por ser a idade de Madame Bousquet, e a cor? Ah! A cor era a do vestido que essa senhora usava nessa noite e lhe espalhava nos cabelos ruivos um ardente tom de fogo. Era um cavalheiro e, por isso mesmo, dispensou-se de acrescentar que eram também de fogo os beijos que trocou com ela, no jardim, enquanto o marido jogava bilhar e fumava charutos no aconchego elegante da sala de fumo dos condes de Balac.

- E?... - perguntou Gaston de Montblanc.

- E saiu o 33 vermelho... - disse Louis de Villeclair.

Todos ficaram em silêncio perante tamanha temeridade. E o estouvado marquês prosseguiu com a sua história: dois dias depois passou pelo gabinete de Duvernois, na Rue des Francs Bourgeois, para cobrar a dívida e o velho notário confessou-lhe não ter o dinheiro disponível. Mas logo ali se prontificou a assinar uma nota de dívida, a vencer daí a duas semanas, a 18 de novembro de 1857.

- Amanhã... - sussurrou Laurent de Juy.

Villeclair continuou a contar os pormenores do negócio, que por vontade de Duvernois, tinha ficado estabelecido em escritura pública feita perante um outro notário, amigo do devedor. Se, à data combinada, Duvernois continuasse a não ter disponível a quantia devida, os dois mil milhões de francos, todos os seus bens passariam para a posse de Villeclair.

- Por isso, meus amigos, bebamos! Esta noite fiquei dois mil milhões de francos mais rico e, passada uma semana de luto, como manda a decência, tenciono visitar a família do

bom Duvernois para apresentar condolências e... cobrar a minha dívida!

- Família? Será que o Duvernois tem família? - perguntou Gaston de Montblanc - Sabemos que vivia numa bela casa na Rue des Archives e que tinha gabinete na Rue des Francs-Bourgeois. Mas família? Nunca ouvi falar... Vocês ouviram?

Todos concordaram que, apesar de Duvernois ser um homem conhecido em todos os locais de Paris onde houvesse apostas, nunca ninguém lhe tinha visto a família. Nem sequer tinham ouvido falar...

- Nem nas corridas de cavalos de Chantilly apareceu alguma vez com a mulher - lembrou Marcel.

Pierre soltou uma gargalhada:

- E nunca o vimos em nenhum lado onde houvesse mulheres! O velho era louco por cavalos e mesas de jogo, mas mulheres...

- Haverá, certamente, uma velha e simpática Madame Duvernois escondida na casa da Rue des Archives. Ou, no pior dos casos, um procurador qualquer que agora trate dessas minudências - disse Louis.

- Pois eu, meu caro Villeclair, no teu lugar, não esperava nem mais um dia, após a semana obrigatória de luto, para visitar seja quem for que viva para lá dos portões daquela casa. Ao que sei, o velho Duvernois deve-te dinheiro a ti e a mais não sei quantos. Sempre teve fama de usar as suas artimanhas de notário para não pagar o que devia. Como tu, esta noite, muitos outros terão certamente a mesma ideia de ir apresentar condolências à viúva. Apressa-te, para que sejas, se não o primeiro, pelo menos um dos primeiros...

Louis não respondeu mas guardou para si, muito bem guardada, a informação utilíssima que o amigo acabava de

lhe dar e prometeu-se que, daí a oito dias, sem adiamento algum, iria à Rue des Archives. Caramba, dois mil milhões sempre eram dois mil milhões!

Louis acordou tarde, como acontecia quase sempre quando estava em Paris. Passava as noites nos teatros, nos bordéis, nos bailes de alta sociedade e, assim como assim, tanto lhe fazia. Na cidade não havia muito mais que um homem elegante pudesse fazer. Por isso, era já perto do meio-dia quando Maurice, o seu criado pessoal, entrou no quarto com a bandeja de prata em que, todos os dias, lhe servia o pequeno-almoço. Pousou-a sobre uma mesa, abriu os pesados cortinados de veludo azul que impediam que a luz despertasse cedo de mais o jovem Marquês e ficou à espera que o amo acabasse de se espreguiçar.

- Bom dia, senhor marquês!

- E é este um bom dia, Maurice? - Quis saber Louis.

- Talvez não, meu senhor! Começou a nevar...

Louis bocejou. Voltou a espreguiçar-se. Recostou-se nas almofadas e o criado aproximou a bandeja com a primeira refeição do dia.

- Há correio?

- Sim, senhor marquês, a maior parte serão convites e chegaram duas cartas em mão, uma do seu procurador e outra de... - Maurice interrompeu-se, sem saber como terminar a frase.

- De quem, meu velho? De Madame Bousquet?

O criado confirmou com um aceno de cabeça.

- Ah, não! A chata Madame Bousquet! Tão chata quanto bonita. Estava a ser tão divertido e, imagina, teve a infeliz ideia de se apaixonar por mim. As mulheres estragam tudo quando se apaixonam, Maurice... - e como o criado não

respondia, o marquês de Villeclair insistiu: - Não dizes nada?

Maurice sorriu.

- Que quer o senhor marquês que lhe diga?!

Louis riu-se e começou a tomar o pequeno-almoço enquanto abria o correio e ia dizendo alto:

- Um baile em casa dos duques de Saint-Denis... almoço em casa da tia Clemence na próxima sexta-feira... ceia em casa dos príncipes Walensky... Ah! E Madame Bousquet quer que vá visitá-la hoje, à hora do chá. Hoje? Que dia é hoje, Maurice?

- Terça-feira, 25 de novembro, meu senhor.

Louis lembrou-se, então, que a semana de luto por Monsieur Duvernois acabara na véspera e que devia, nesse dia, sem falta, visitar a família e cobrar a dívida.

- Papel e pena, Maurice. Tenho de agradecer o convite a Madame Bousquet e avisá-la de que não poderei ir.

Abriu, depois, a carta do procurador e ficou a saber que seria conveniente a sua presença no seu castelo do Vale do Loire para decidir com o feitor alguns assuntos relacionados com as sementeiras de inverno naquela sua grande propriedade. Normalmente detestava tratar desses assuntos. Que plantassem batatas ou curgetes a ele tanto se lhe dava, mas o pai, e já antes do pai o avô, cumpriam escrupulosamente esta tradição de ouvirem o feitor explicar o que iriam plantar ou colher e de quanto tinham sido as rendas pagas pelos rendeiros no final das sementeiras, e ele cumpria o ritual umas vezes com mais enfado do que outras. Olhou lá para fora, através da janela. O céu estava escuro e a neve caía acumulando-se na balaustrada da varanda. Muito bem, romaria a oeste, onde pelo menos não nevava e onde podia passar uns dias

agradáveis a caçar. Podia convidar os rapazes, iriam todos... Talvez levasse Cléa...

- O senhor marquês almoça em casa? - Maurice interrompeu-lhe os pensamentos.

- Que horas são?

- Passa já do meio-dia, meu senhor.

- Não, não almoço. Prepara a minha roupa. Vou ter de sair, avisa o cocheiro.

Maurice saiu para mandar preparar a carruagem e voltou ao quarto seguido por uma criada que carregava uma enorme bacia de prata que fumegava.

- Bom dia, senhor marquês! - disse a rapariga fazendo uma vénia.

- Bom dia, Marie! - respondeu Villeclair.

Quando a criada voltou a fechar a porta do quarto, Louis saltou da cama e foi sentar-se na cadeira de *toilette*, pronto para ser barbeado por Maurice. E enquanto o criado o arranjava e o ajudava a vestir, deliciou-se a pensar no quão mais rico estaria quando esse mesmo dia acabasse. Dois mil milhões de francos a mais no seu património! Mas, primeiro, teria de procurar a escritura assinada por Duvernois. Tinha a vaga ideia de a ter guardado no cofre da biblioteca, juntamente com as caixas de joias que tinham pertencido à sua mãe e os títulos das suas propriedades do Vale do Loire e da Borgonha.

Sim, aqui estava o documento, exatamente no sítio onde Louis suspeitava tê-lo guardado. O cofre do escritório. Pela primeira vez leu o documento assinado por Duvernois. Pareceu-lhe tudo tal como combinado: a 18 de novembro de 1857, se não dispusesse dos dois milhões de francos que lhe devia, o notário comprometia-se a passar para a sua propriedade «o edifício em que moro, no n.º 42 da Rue des

Archives, o edifício n.º 71 da Rue des Francs-Bourgeois, o n.º 60 da Rue de Rosiers, a minha casa de Saint-Cast-le-Guido, e todos os bens e pessoas que nelas houver».

- Todos os bens e pessoas... - repetiu Villeclair, batendo com o rolo de papéis na palma da mão. Começou a percorrer a biblioteca em grandes passadas. A escritura de dívida mais parecia um testamento. Duvernois entregava-lhe tudo o que era seu. A mulher também, se a houvesse. E havendo... teria de encontrar uma solução para a velha senhora Duvernois. Como seria ela? Talvez uma velhota simpática e bondosa. De repente, sentiu um aperto no coração. Se fosse esse o caso, dentro de algumas horas ficaria com tudo o que até aí tinha sido dela. Talvez a senhora estivesse aliviada por se ver livre do insuportável Duvernois, viciado em jogo e apostas. Talvez pensasse que agora poderia acabar os seus dias em paz. E ele ia aparecer para lhe roubar as últimas esperanças.

E se a velhota fosse, de facto, simpática e bondosa...

- Não sejas piegas, Louis! - disse para si mesmo, em voz alta. E logo ali decidiu que, se fosse esse o caso, lhe proporia um resto de vida descansado e confortável no convento das Ursulinas, para onde se podia retirar com uma criada para a servir. Ele próprio se encarregaria do dote e de dizer à madre superiora que se tratava de uma parente muito afastada e viúva. Ou, se a solidão da clausura não lhe agradasse, poderia ceder-lhe um dos muitos apartamentos num dos prédios de que era dono. Não nos Campos Elísios, mas perto da Sorbonne, um daqueles apartamentos pequenos e antigos que alugava a estudantes que nunca lhe pagavam as rendas. Assim como assim, deixaria que Madame Duvernois vivesse num deles. Dar-lhe-ia uma pequena pensão anual e uma criada. Qualquer coisa que lhe permitisse viver modestamente mas

com decência. Logo veria com Laval, o seu procurador, de quando poderia ser a pensão.

De repente, franziu a sua bela testa e os olhos azuis tornaram-se frios como aço. E se a velha fosse insuportável como o marido? Uma dessas velhas rabugentas, que desatam aos gritos, que arrepelem os cabelos... Sim, podia muito bem ser um osso duro de roer. Era até o mais provável! Que velhinha bondosa e simpática teria alguma vez casado com Duvernois na juventude? Nesse caso, nem apartamento nem Ursulinas, um convento qualquer, desses que recolhem indigentes, seria mais do que suficiente.

- Ao diabo com a velha! - murmurou.

Nesse momento bateram à porta da biblioteca e Maurice anunciou que a carruagem já estava pronta e à espera.

* * *

A casa da Rue des Archives era sólida, grande, com uma enorme porta de madeira trabalhada e janelas fechadas, nos três andares. Parecia inabitada. «Talvez se tenham ido embora... Talvez tenha chegado tarde de mais...», pensou Louis de Villeclair quando saiu da carruagem.

A neve acumulava-se já no passeio e havia pouca gente na rua. Amaldiçoou o tempo que o fazia sair de casa com aquele frio e puxou a corrente de metal que fez soar um sino, longe da porta mas suficientemente audível. Teve de esperar uns minutos, dando alguns passos de um lado para o outro para não enregelar, até que a porta se abriu e Louis pode ver um criado de meia-idade, mal-encarado e malvestido, com chinelos de fazenda grossa e embrulhado numa manta.

- Faça o favor de dizer...

O jovem marquês hesitou uns segundos. Dizer o quê? Que vinha apresentar os seus pêsames à família? E se não houvesse família? Devia ter-se informado antes, mas andara demasiado ocupado entre os braços de Cléa e os de Madame Bousquet. Agora, não tinha outro remédio senão supor que havia, de facto, uma família que devia ser cumprimentada.

- Sou o marquês de Villeclair. Venho apresentar os meus pêsames à família.

O criado afastou-se um pouco da porta para lhe dar passagem.

- Faça favor de entrar, vou anunciá-lo.

A casa cheirava a mofo e era escura, mas ainda assim Louis pôde reparar na decrepitude que o rodeava. As enormes tábuas do chão rangiam sob os seus pés e os móveis estavam cobertos de pó. Os quadros eram soturnos, as pratas estavam sujas.

O criado conduziu-o a uma sala grande, onde os estofos dos canapés estavam puídos e os tapetes já tinham conhecido melhores dias, abriu as grandes portadas das janelas e deixou-o à espera. Durante uns breves minutos Villeclair pôde observar tudo em pormenor, à fraca luz que entrava pelos vidros sujos. Aquela sala tinha manifestos sinais de já ter tido outra vida. Certamente teria havido ali dias alegres, de bailes e reuniões sociais. Aquelas paredes tinham sido testemunhas de gargalhadas e segredos, conversas de senhoras e conciliábulos de homens. E estava a imaginar tudo isto quando a porta voltou a abrir-se e entrou uma rapariga alta e magra, vestida de luto, mas cuja roupa parecia não ter sido feita para ela. O corpete era demasiado grande e tinha os punhos dobrados e a saia caía sem graça, como se estivesse pendurada num cabide. O preto do tecido não tinha brilho e mostrava o desgaste dos

anos. Louis supôs imediatamente que se tratava de uma filha do velho notário e reparou, quase em pânico, que nunca tinha posto a hipótese de Duvernois ter descendência.

Mas era um homem do mundo e não deixou transparecer a surpresa com que recebeu a sua chegada. Dirigiu-se-lhe e estendeu a mão para beijar a dela:

- Louis de Villeclair - disse, tocando-lhe a pele com os lábios e reparou que a mão dela era pequena, branca, delicada, com unhas perfeitas, sem anéis.

- Catherine Duvernois - respondeu ela, numa voz suave e logo depois acrescentou: - Suponho que veio cobrar alguma dívida que o meu marido tinha para consigo, senhor marquês...

Louis sentiu-se fulminado por um raio. Aquela rapariga, que teria pouco mais de vinte anos, era a viúva do notário! Olhou uma vez mais para ela e admirou-lhe os enormes olhos verdes, as maçãs do rosto salientes e o cabelo escuro que lhe caía, encaracolado, nos ombros e nas costas. Era muito bonita, mas de uma beleza triste.

- Exatamente... - concordou o jovem marquês.

Catherine fez-lhe sinal com a mão para que se sentasse e sentou-se ela também.

- Calculei que fosse isso, apesar de o criado me ter dito que vinha apresentar os seus pêsames. Foi delicado da sua parte e devo agradecer-lho. Mas desde esta manhã tenho recebido várias visitas de credores e não vi razão para a sua ser diferente. Duvernois não tinha amigos...

Louis tossiu ligeiramente, sem saber o que lhe responder e Catherine continuou:

- Se quiser fazer o favor de me dizer o montante da dívida, venderei o que for necessárias e amanhã ou depois saldarei a quantia. Duvernois não deixou dinheiro, deixou contas

para pagar e é isso que tenho estado a fazer. Espero que compreenda e que tenha a paciência de esperar os dias necessários.

- Não me parece que seja possível, minha senhora. De facto, trouxe os documentos comigo, o seu marido devia-me dois mil milhões de francos...

Catherine empalideceu ao ouvi-lo dizer tal coisa e foi com as mãos a tremer que segurou os papéis que Villeclair lhe estendia. Depois de ler perguntou com a voz serena, mas firme:

- Que tenciona fazer agora, senhor marquês?

- Tomar imediatamente posse do que é meu, minha senhora, antes que outros credores a visitem e a senhora se lembre de vender património que já é meu.

Catherine de Duvernois olhou-o nos olhos com desprezo e isso irritou-o. Não gostava de ser desafiado e muito menos por uma mulher. Nunca antes alguma tinha tido a ousadia de o olhar daquela maneira. Aquela rapariga, certamente, não sabia com quem estava a falar.

- E o que vai fazer connosco uma vez que, agora, pelo que leio, também somos propriedade sua? - perguntou ela.

Ah! A altivez com que lhe falava! Era, de facto, muito bonita, mas o seu orgulho irritava-o.

- Quantas pessoas moram nesta casa? - Villeclair respondeu-lhe com outra pergunta.

- Eu, o criado que já conhece e uma cozinheira - respondeu Catherine, sem deixar de o olhar de frente. Estava sentada com as costas muito direitas e tinha um porte orgulhoso, apesar da pobreza das roupas que vestia.

- Não há mais empregados nem mais família?

- Apenas o escrivão que trabalhava no gabinete da Rue des Francs Bourgeois.

- Mais ninguém?

- Mais ninguém.

- Não há um feitor, um caseiro, em Saint-Cast-le-Guido?

- Não, que eu saiba. Mas o senhor Legrand, o notário perante quem Duvernois assinou esta infâmia poderá informá-lo melhor do que eu.

Louis fingiu não ouvir este último comentário da jovem viúva e continuou a fazer perguntas sobre Saint-Cast-le-Guido.

- É uma propriedade grande?

- Não, de maneira nenhuma. É uma pequena casa de pedra com um jardimzinho, à beira-mar.

A irritação de Louis aumentou. Não bastava a altivez e o desprezo com que aquela mulher lhe falava, agora descobria que o património de Duvernois estava longe de chegar aos dois mil milhões de francos que o notário lhe devia.

- Quem vive no prédio da Rue des Rosiers?

- O judeu que tem a padaria no rés-do-chão e a sua família.

- E quanto pagam de renda?

- Não lhe sei dizer.

Louis levantou-se e passeou pela sala, a grandes passadas, com as mãos atrás das costas. Tinha mais problemas para resolver do que gostaria. E precisava de ir ao Vale do Loire urgentemente. Que grande maçada!

- Eis o que pretendo, minha senhora: vou imediatamente ao notário onde essa escritura que tem nas mãos foi assinada pelo seu marido e passarei imediatamente para meu nome todos os bens que lhe pertenceram. Os dois criados desta casa e o escrivão receberão indemnizações e cartas de recomendação e, hoje mesmo estarão livres para procurarem outras colocações. Quanto a si...